

**WITTGENSTEIN, HIPÓTESE E USO:  
AS ANÁLISES DO TEMPO E A PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM, NO INÍCIO DA  
DÉCADA DE TRINTA**

**WITTGENSTEIN, HYPOTHESIS AND USE:  
THE ANALYSES OF TIME AND THE PRAGMATICS OF LANGUAGE, IN THE  
EARLY THIRTIES**

**Guilherme Ghizoni da Silva**

FAPESP/ Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - Brasil

[guilhermegsilva@hotmail.com](mailto:guilhermegsilva@hotmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é abordar, pelo viés das análises do tempo de Wittgenstein, no início da década de trinta, uma importante mudança que o leva, em seu pensamento tardio, a relacionar significado e uso (dando proeminência à dimensão pragmática da linguagem). Wittgenstein abandonará, já nos primeiros anos da década de trinta, a relação entre fenomenologia e gramática (sustentada por ele, principalmente, entre 1929 e 1930). O primeiro momento dessa ruptura é a constatação da impossibilidade de uma linguagem que se atenha à temporalidade dos fenômenos (a linguagem deve necessariamente desenrolar-se no tempo físico/hipotético). Porém, Wittgenstein ainda sustentará a distinção entre proposição genuína (que descreve a experiência imediata) e as proposições hipotéticas/fisicalistas (que descrevem objetos físicos). Será apenas por volta de 1931 que a noção de uso ganhará proeminência, com o fim do privilégio gramatical, semântico e ontológico do presente da experiência imediata (selando o fim da idéia de proposição genuína). Esse seria um ponto de inflexão que direciona Wittgenstein a um viés que contém elementos do pragmatismo, pois, embora as regras gramaticais passem a ser concebidas como *arbitrárias* (não mais determinadas pelos fenômenos), haveria uma dimensão pragmática, que restringiria a arbitrariedade. Proposições só serão proposições gramaticais nos contextos em que seja *praticável* e *útil* o seu uso como regras. Ou seja, cada contexto determinará, de acordo com o que lhe é *útil*, quais proposições têm o seu valor de verdade fixo ao longo do tempo (funcionando como regras) e quais serão passíveis de alteração (as proposições empíricas).

**Palavras-chave:** Linguagem Fenomenológica. Linguagem Fisicalista. Tempo. Métodos de Mensuração. Regra Gramatical.

**Abstract:** *The aim of this article is to approach, from the point of view of Wittgenstein's analyses of time, an important shift that leads him, in his later philosophy, to connect meaning and use (stressing the importance of the pragmatic aspect of the language). Wittgenstein will give up, in the early thirties, the relation between phenomenology and grammar (supported from 1929 to 1930). The first moment of this shift is the acknowledgement of the impossibility of a language that restricts itself to the temporality of the phenomena (language must unwind in physical/hypothetical time). However, Wittgenstein will still support a distinction between genuine propositions (that describe the immediately given data) and the hypothetical/physicalist propositions (that deal with physical objects). It is only around 1931 that the concept of use comes to the foreground, with the abandonment of the grammatical, semantical and ontological primacy of the phenomenological present (putting an end to the idea of genuine propositions). This is a point of departure that brings Wittgenstein closer to pragmatism. Even though Wittgenstein will regard onwards grammatical rules as arbitrary (not determined by the phenomena), there is a pragmatic aspect that restricts the arbitrariness. Propositions will only be grammatical propositions in the contexts in which it is practical and useful to use these propositions as rules. In other words, each context will determine, according to what it regards as useful, which propositions have its truth-value fixated throughout time (functioning as rules) and which can change the truth-value (as empirical propositions).*

**Key-words:** *Phenomenological Language. Physicalist Language. Time. Methods of Measurement. Grammatical Rule.*

## Introdução

O objetivo deste artigo é investigar as razões pelas quais, no período em que Wittgenstein mais se aproxima do pragmatismo, ele nos instrui a pensar a linguagem como um fenômeno *temporal*. Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein se aproxima de uma pragmática da linguagem, ao relacionar significado e uso.<sup>1</sup> Segundo ele, para uma *grande* classe de casos, “[...] o significado [*Bedeutung*] de uma palavra é o seu uso na linguagem”.<sup>2</sup> No parágrafo 108 deste mesmo livro, ele diz: “[e]stamos falando do fenômeno espacial e temporal da linguagem [...]”. A exposição da importância do tempo na relação entre significado e uso será aqui feita de maneira genealógica. Buscarei mostrar, nos escritos do período intermediário, a introdução do tempo como um elemento da linguagem. O tempo será um importante aspecto da relação entre necessidade e contingência e estará presente nas categorias modais do pensamento tardio de Wittgenstein. Essa genealogia nos permitirá compreender o viés temporal de como, a partir do abandono da relação entre fenomenologia e gramática (que Wittgenstein sustentou entre os anos de 1929 e 1930), as regras da linguagem passarão a ser arbitrárias. Localizaremos nessa mudança o ponto de inflexão que direciona o pensamento de Wittgenstein a um viés que contém elementos que se aproximam do pragmatismo.

### 1. A linguagem fiscalista e a experiência imediata

A grande ruptura que ocorre no pensamento de Wittgenstein, entre o período intermediário e o tardio, pode ser interpretada como o abandono da idéia de que os fenômenos dados na experiência imediata determinam a forma lógica da linguagem. Para a compreensão dessa ruptura, vejamos inicialmente como Wittgenstein relaciona fenomenologia e gramática.

O autor afirma, em fevereiro de 1929: “[...] a fenomenologia é a gramática da descrição dos fatos, sobre os quais a física constrói suas teorias”.<sup>3</sup> Tal equação entre fenomenologia e gramática decorre da tese, adotada no período em questão, de que apenas através da análise *a posteriori* da multiplicidade lógica dos fenômenos seria possível determinar a sintaxe lógica *a priori* da linguagem.<sup>4</sup> Cada âmbito da experiência imediata (visual, tátil, auditivo etc.) é concebido como um espaço que determina uma multiplicidade de possibilidades, que fixa, em última instância, a sintaxe lógica. Essas idéias o levam a compreender as proposições que descrevem os fenômenos como as únicas proposições genuínas e a adotar uma forma de verificacionismo, na qual “[a] verificação não é *um* indício da verdade, mas é *o* sentido da proposição”.<sup>5</sup>

Um dos pontos centrais de sua filosofia nesse período (no início de 1929) é a constatação da impossibilidade temporal de uma linguagem que busque descrever de forma

---

<sup>1</sup> A obra *Investigações Filosóficas* será, a partir deste ponto, apenas denominada ‘*Investigações*’ (Wittgenstein 2002). Os manuscritos serão designados pela sigla ‘MS’ (Wittgenstein, 1989). Todos os trechos de língua estrangeira aqui citados das obras de Wittgenstein terão tradução para o português de minha autoria.

<sup>2</sup> Wittgenstein, 2002, §43.

<sup>3</sup> MS, 105, p. 5 e Wittgenstein, 1975, §1e.

<sup>4</sup> No “Some Remarks on Logical Form” (Wittgenstein, 1929) ele afirma: “Isso quer dizer, podemos apenas chegar a uma análise correta por meio do que pode ser chamado de uma investigação lógica dos fenômenos eles mesmos, ou seja, em um sentido *a posteriori* e não conjecturando acerca das possibilidades *a priori*” (p. 162).

<sup>5</sup> Wittgenstein, 1975, §166f. (grifos do autor).

completamente perspicua os dados imediatos (linguagem essa que deveria explicitar a forma lógica do mundo fenomênico). Tal ruptura não será o foco de nossas análises, porém, é importante notarmos que é o estatuto temporal do mundo fenomênico, como um *constante presente atemporal*, que reduz essa linguagem *fenomenológica* a um som inarticulado, pois as suas determinações semânticas desapareceriam no fluxo da experiência, tão logo fossem instituídas.<sup>6</sup> Esse tempo da experiência imediata é descrito por Wittgenstein como “atemporal” (*zeitlos*)<sup>7</sup>, visto que é um constante presente, no qual o presente não se opõe ao passado e ao futuro.<sup>8</sup> De forma positiva, pode-se dizer que Wittgenstein constata, já no início de 1929, a necessidade que a linguagem tem de situar os objetos do discurso em um tempo que tenha extensão temporal (que não seja um constante presente atemporal), e que permita determinar temporalmente as representações, situando os eventos representados no passado, presente ou futuro. É essa conclusão que se expressa na afirmação, de fevereiro de 1929, “o que nós sobre a palavra ‘linguagem’ compreendemos flui no tempo homogêneo physicalista”.<sup>9</sup>

A superação do instantaneísmo da experiência imediata é alcançada através do uso de regras que conectam os fenômenos imediatamente percebidos em formas que perduram no tempo (que se estendem para além do presente atemporal da experiência imediata) – que denominamos de *objetos físicos*. É nesse ponto que ganha proeminência a idéia de *hipótese* (com um sentido bastante peculiar), nos escritos de Wittgenstein do início de 1930, pois o autor lança mão desse conceito, em parte, com o intuito de resolver a dificuldade temporal que o levou a abandonar a idéia de linguagem fenomenológica.<sup>10</sup> Segundo o autor, “o conceito de objeto envolve uma hipótese, pois assumimos como uma hipótese que os aspectos particulares que percebemos são conectados de maneira governada por regras”.<sup>11</sup> Desse modo, “[a]spectos são conectados espacialmente e *temporalmente*”.<sup>12</sup> A hipótese é a regra por meio da qual conectamos diferentes aspectos fenomênicos, dados no constante fluxo presente da experiência imediata, em formas “inalteráveis e estáveis”, que denominamos de *objeto físico*<sup>13</sup>, passíveis de serem situados no tempo homogêneo physicalista. Além disso, o uso das hipóteses também tem em vista fazer previsões. Por essa razão ele afirma que “uma hipótese é uma lei para formar expectativas”.<sup>14</sup> Em resumo, a hipótese é uma regra que permite conectar os dados imediatos em formas que perduram e obter proposições a serem comparadas futuramente com a experiência imediata.<sup>15</sup>

Porém, dado o modo como o autor adota, entre os anos de 1929 e 1930, o verificacionismo, apenas as proposições que descrevem a experiência imediata seriam proposições genuínas. Por exemplo, a proposição “há uma bola sobre a mesa” seria uma proposição hipotética (não genuína), pois trata de objetos físicos. As hipóteses contidas nas idéias de *bola* e *mesa* unem inumeráveis aspectos de diferentes espaços de possibilidades (tátil, auditivo, visual etc.). A proposição genuína, por sua vez, especificará gradações nos espaços de possibilidades conectados por essas hipóteses. Por essa razão Wittgenstein

<sup>6</sup> Cf. Wittgenstein, 1975, §§67-69. A análise detalhada da impossibilidade temporal de uma linguagem fenomenológica é feita por Ferraz Neto (2003) e de maneira mais geral por Hintikka (1996) e Perrin (2007). O modo como interpretamos a leitura de Ferraz Neto da impossibilidade temporal de uma linguagem fenomenológica será uma importante parte do pano de fundo de nossas considerações sobre o papel do tempo nas análises de Wittgenstein, no início da década de 1930.

<sup>7</sup> Cf. Wittgenstein, 1975, §48.

<sup>8</sup> Cf. Wittgenstein, 1975, §54.

<sup>9</sup> MS 105, p. 114.

<sup>10</sup> Cf. Wittgenstein, 1975, Capítulo XXII.

<sup>11</sup> Waismann, 1979, p. 256.

<sup>12</sup> Waismann, 1979, p. 256 (grifo nosso).

<sup>13</sup> Waismann, 1979, p. 257.

<sup>14</sup> Wittgenstein, 1975, §228f.

<sup>15</sup> Cf. Wittgenstein, 1975, §228e.

caracteriza a proposição genuína, em fevereiro de 1930, como “um corte transversal em um determinado lugar de uma hipótese”.<sup>16</sup> Por exemplo, poderíamos *cortar* a proposição hipotética “há uma bola sobre a mesa” da seguinte forma: “há um círculo de cor azul, e raio 5cm; sobre um retângulo de dimensões 12x20cm; e cor verde etc.”. Apenas esse corte transversal da hipótese seria uma proposição genuína, a ser comparada com os dados imediatos. Com isso, dada a constatação de que a linguagem é necessariamente hipotética (pois necessita do tempo homogêneo physicalista) e que as proposições hipotéticas (sobre objetos físicos) não seriam realmente proposições, a questão que se torna central é saber “[c]omo pode a linguagem física descrever o fenômeno?”<sup>17</sup>.

A linguagem física descreve o fenômeno por meio da construção de métodos de mensuração e projeção. A base desses métodos são as unidades e os padrões, que terão uma dupla cidadania: eles são parte da realidade, mas também pertencem à linguagem (ao simbolismo). Como afirma o autor, em fevereiro de 1930: “considerarei qualquer fato cuja existência é uma pressuposição da possibilidade de um sentido da proposição como pertencendo à *linguagem*”.<sup>18</sup> O que é importante notarmos é o caráter arbitrário da escolha do padrão. Por exemplo, o metro é um objeto físico, que instituímos *arbitrariamente* como unidade de um método de mensuração (da linguagem). Diz Wittgenstein, no início de 1929, “seu tamanho é arbitrário, mas é *isso* que contém o elemento espacial específico”.<sup>19</sup> A proposição genuína vai especificar gradações a partir do padrão do método de mensuração da linguagem physicalista, nos espaços de possibilidades unidos pela hipótese.

## 2. O fim da primazia do presente atemporal

Embora não tenhamos espaço aqui para tratar em detalhes a ruptura com a fenomenologia e o verificacionismo, ao menos poderemos examinar, do ponto de vista das análises do tempo, um importante elemento dessa ruptura. Em 7 julho de 1931, Wittgenstein escreve no MS 111: “o momento no tempo [*Zeitmoment*] – do qual digo que é presente, e que contém tudo que é dado a mim – ele próprio pertence ao tempo físico [*physikalischen Zeit*]”.<sup>20</sup> Anteriormente havia uma distinção entre dois tempos: o tempo físico (dos objetos físicos) e o constante fluxo presente *atemporal* da experiência imediata. A linguagem se desenrolava no tempo físico, porém o sentido era a possibilidade de verificação das proposições genuínas no presente da experiência imediata. Em dezembro de 1929 (antes da ruptura), Wittgenstein afirma:

O rio das vivências, o rio da vida, flui [“tudo flui”] e nossas proposições são, por assim dizer, apenas verificadas em um instante [em um flash]. Nossas proposições são apenas verificadas pelo presente.<sup>21</sup>

Nessa concepção, a proposição é verificada por aquilo que é dado no presente atemporal, que é o constante fluxo das vivências. São essas vivências que determinam as possibilidades que constituem a multiplicidade que a sintaxe da linguagem deve ter. Já no trecho de 1931, o presente que contém tudo que é dado a mim é compreendido como algo que pertence ao *tempo físico*. Não será mais ao âmbito dos dados imediatos que o sentido da proposição remete através da possibilidade de verificação, mas ao mundo físico.

<sup>16</sup> MS, 107, p. 283 e Wittgenstein, 1975, §228.

<sup>17</sup> Wittgenstein, 1975, §68d.

<sup>18</sup> MS, 107, p. 280-1 e Wittgenstein, 1975, §45a (grifo do autor).

<sup>19</sup> MS, 106, p. 45 e Wittgenstein, 1975, §45d (grifo do autor).

<sup>20</sup> MS, 111, p. 8 e Wittgenstein, 2005, p. 351.

<sup>21</sup> MS, 107, p. 222 e Wittgenstein, 1975, §48bc. Os adendos em colchetes são de autoria de Wittgenstein. (É interessante notar que a expressão “tudo flui” é uma alusão direta ao dito de Heráclito).

Com isso, desaparece o privilégio gramatical, semântico e ontológico do presente da experiência imediata. A sintaxe da linguagem não será mais determinada pela multiplicidade lógica dos fenômenos, pois o presente que contém tudo que é dado a mim pertence ao tempo físico (ou seja, ao mundo dos objetos físicos). As proposições que descrevem a experiência imediata não mais serão as únicas proposições genuínas. E a realidade não será mais o presente em sentido fenomenológico, pois agora o presente que contém tudo que é dado a mim passa a se contrapor ao passado e ao futuro do tempo físico.<sup>22</sup> Como consequência do fim dessa primazia do presente da experiência imediata, a gramática da descrição dos fenômenos passará a ser construída de modo arbitrário, assim como as demais regras fisicalistas, e não será mais determinada pela realidade fenomênica. Como afirma o autor, acerca das regras gramaticais, em 24 de julho de 1931: “[...] essas regras não respondem a uma realidade, no sentido que seriam controladas por ela. [...] Essas regras são arbitrárias, pois são as regras que primeiro dão significado para o sinal”.<sup>23</sup> Em outros termos, não há um âmbito exterior às regras arbitrárias (fisicalistas), que determinaria o limite do que faz ou não sentido dizer. É isso que leva Wittgenstein a aproximar as regras gramaticais dos métodos de mensuração. Como ele diz, no BT, em 1932: “as regras da gramática podem ser comparadas com regras para procedimentos para medir períodos de tempo, distâncias, temperaturas, forças, etc.”.<sup>24</sup>

Pode-se ver como essa ruptura se manifesta em vários casos. Em 1929 e início de 1930, a expectativa (a proposição genuína), obtida a partir das hipóteses, era, através dos métodos de mensuração, comparada com os dados imediatos. Mas, após a ruptura, não haverá mais a distinção entre hipótese e proposição genuína. Diz o autor:

Não pode haver diferença entre uma hipótese usada como uma expressão de uma experiência imediata e a proposição em sentido estrito. [...] Quando *esta* faceta da hipótese é colocada contra a realidade, a hipótese torna-se proposição.<sup>25</sup>

Mas, a grande mudança, por mais paradoxal que possa parecer, é que a comparação entre linguagem e realidade passará a acontecer *dentro* da linguagem. Diz Wittgenstein, em março de 1932, “[p]osso – de acordo com regras gramaticais – traduzir a realidade na linguagem da proposição e então *levar a cabo a comparação* dentro do domínio da linguagem”.<sup>26</sup> As facetas das hipóteses serão comparadas com *proposições* que traduzem a realidade, de acordo com as regras gramaticais (fisicalistas) (e não mais comparadas com os fenômenos da experiência imediata).

O que a primeira vista parece paradoxal é que não haverá mais algo fora da linguagem fisicalista, que determinaria o limite do que faz ou não sentido dizer, pois a multiplicidade da realidade fenomênica, ela mesma será determinada arbitrariamente, pelas regras da linguagem. Ou seja, os fenômenos, dados no presente da experiência imediata, deixam de ter qualquer primazia semântica, gramatical ou ontológica (e essa ruptura será, anos mais tarde, o pano de fundo do argumento da linguagem privada<sup>27</sup>). Com isso, a arbitrariedade que estava

<sup>22</sup> Antes da ruptura, Wittgenstein afirmou: “(...) apenas a experiência do momento presente tem realidade” (Wittgenstein, 1975, §54e). É importante notar que, acerca dessa afirmação, Wittgenstein faz uma crítica de tom tractariano. Diante dessa afirmação deve-se responder: “em oposição a quê”? O caráter não-bipolar dessa proposição decorreria do fato de que ela busca descrever a essência do mundo fenomênico.

<sup>23</sup> MS, 110, p. 215, 216 e Wittgenstein, 2005, p. 184-185.

<sup>24</sup> Wittgenstein, 2005, p. 186.

<sup>25</sup> MS, 109, p. 26 (de 21 de agosto de 1930) e Wittgenstein, 2005, p. 96 (grifo do autor).

<sup>26</sup> MS, 113, p. 47 e Wittgenstein, 2005, p. 158 (grifo do autor).

<sup>27</sup> Sobre o papel das análises do tempo no comumente chamado “argumento da linguagem privada” ver Silva, G. (2009).

presente na determinação das unidades dos métodos de mensuração agora se estenderá por toda a linguagem. (E também cairá por terra a idéia de linguagem *fisicalista*, pois o “fisicalismo” não se opõe mais à “fenomenologia”).

### 3. Arbitrariedade e uso: pragmatismo, temporalidade e gramática

Mas a arbitrariedade da gramática não deve ser compreendida como a adoção de um relativismo absoluto. Embora, a gramática não seja mais determinada pela multiplicidade dos fenômenos, há algo que restringe a arbitrariedade da gramática. É nesse elemento que localizaremos o ponto de confluência entre a arbitrariedade da gramática e a idéia do significado como uso. Como afirma o autor no BT:

As regras da gramática são arbitrarias e não arbitrarias no mesmo sentido que a escolha de uma unidade de mensuração. Isso é algo expresso ao se dizer que as regras são ‘praticáveis’ ou ‘impraticáveis’, ‘úteis’ ou ‘inúteis’, mas não ‘verdadeiras’ ou ‘falsas’. (BT, §56, p. 186)

As regras gramaticais, embora sejam arbitrarias (como a escolha do padrão do método de mensuração), só serão regras nos contextos em que seja praticável o seu uso como regra. Mas a exigência de que a regra seja praticável e útil não é um modo da realidade determinar a regra gramatical, pois, em um mesmo contexto de uso que uma dada regra é praticável, uma infinidade de outras regras também seria. E quando se torna impraticável usar aquela regra, isso não a torna falsa. Por exemplo, não seria prático utilizar um metro para medir coisas extremamente pequenas. O uso do metro, nesse caso, não seria falso, mas impraticável. O que é importante notar é o comprometimento do autor com a idéia de que, embora a regra seja arbitrária, é o seu *uso* efetivo (em um contexto em que ela é *útil*) que faz dela uma regra.

O pano de fundo dessas afirmações é a idéia de que não há proposição que tenha um estatuto privilegiado, por conta de como as coisas são na realidade (não há mais uma separação entre proposição genuína e hipótese). É apenas o modo como usamos a linguagem que torna uma proposição em proposição empírica ou regra gramatical. Uma determinada proposição pode ser, em certo contexto de uso, uma proposição empírica, passível de verdade ou falsidade. Essa mesma proposição pode ser, em outro contexto, uma regra gramatical, à qual não se aplica verdade ou falsidade. É necessário olhar para cada contexto de uso para determinar o que é regra e o que é proposição empírica.

Embora, no início da década de 1930, Wittgenstein compreenda a gramática como um sistema fechado, à semelhança do cálculo, é essa dependência que a regra tem para cada contexto que o levará a dar proeminência, posteriormente, para a idéia de *jogo de linguagem*. A fragmentação da linguagem em jogos de linguagem é o resultado do abandono da idéia de uma essência fenomenológica, que determinaria a sintaxe da linguagem. É essa mudança que aproximará significado e uso. Cada jogo de linguagem determina “*arbitrariamente*” as regras para o uso de um certo sinal naquele contexto. Não é necessário que haja uma unidade entre os diferentes usos de um mesmo sinal em diferentes contextos. Essa fragmentação levará Wittgenstein ao tratamento dos conceitos a partir da idéia de semelhança de família. Os conceitos não teriam uma essência (uma unidade que se encontra em todos os seus usos), pois cada jogo de linguagem determinará “*arbitrariamente*” o significado do sinal; ao excluir a bipolaridade (a possibilidade da verdade ou falsidade) de uma proposição, que fixará o uso do sinal (naquele contexto).

Podemos, por fim, notar que haverá um forte elemento temporal no modo como o autor articula necessidade e contingência, através de suas categorias modais de regra e proposição. A proposição será empírica (passível de verdade ou falsidade) quando o seu valor de verdade puder se alterar ao longo do tempo. Quando fixamos certa proposição como

verdadeira e articulamos as demais, sempre mantendo intocada a veracidade da primeira, tomamos a proposição como regra.<sup>28</sup> Nesse contexto de uso (e apenas nesse contexto), é concedido à proposição um estatuto atemporal. Seu valor de verdade não se altera, de tal modo que não faz sentido perguntar se ela é verdadeira ou falsa.

Como dirá Wittgenstein anos mais tarde, naquele jogo de linguagem, essas proposições serão o leito sólido do rio e as proposições empíricas serão o fluxo que corre sobre o leito.<sup>29</sup> Mas nada impede que essas proposições se descolem do leito e se tornem novamente proposições passíveis de verdade ou falsidade. Cada jogo de linguagem determina o que é leito (gramatical) e o que é fluxo (empírico). Mas para que uma proposição mude seu estatuto de regra gramatical à proposição empírica é necessário que outras regras passem a fazer parte do leito do rio. Da mesma forma, é possível mensurar um padrão de medida usando outra gramática, com outro padrão.

Assim, a temporalidade da proposição empírica não se contrapõe a uma atemporalidade, que seria a multiplicidade dos espaços de possibilidades fenomenológicos (ou a eternidade do espaço lógico, enquanto substância imutável do mundo – como no *Tractatus Logico-Philosophicus*). A atemporalidade da regra decorre do fato de que em um certo jogo de linguagem, o modo como se age e se usa a linguagem, exclui daquela proposição a possibilidade de que seu valor de verdade se altere ao longo do jogo. E é essa exclusão que determina o significado dos sinais na linguagem.

\* \* \*

### Referências bibliográficas

FERRAZ NETO, B. P., *Fenomenologia em Wittgenstein: Tempo, Cor e Figuração*, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2003.

HINTIKKA, *Selected Papers, vol. 1: Ludwig Wittgenstein: Half-Truths and One-and-a Half-Truths*, Dordrecht/Boston/London, Kluwer, 1996

MARION, M., “Wittgenstein en Transition: du Language Phénoménologique au Language Physicaliste”, In : *Jakko Hintikka : Questions de Logique et de Phénoménologie*, ed. Rigal, Vrin, 1998, p. 275-293.

PERRIN, D., *Le flux et l’instant. Wittgenstein aux prises avec le mythe du présent*, Paris, Vrin, 2007.

SILVA, G. G., “O Longo Caminho das Imagens do Álbum - um estudo acerca do papel do tempo nas *Investigações Filosóficas*”. In: Arley R. Moreno. (Org.). *Como Ler o Álbum*, Campinas, Coleção CLE, v. 55, p. 353-366, 2009.

WAISMANN, F. *Wittgenstein and the Vienna Circle: Conversations recorded by Frederick Waismann*, McGuinness, B. (ed.), Oxford, Basil Blackwell, 1979.

\_\_\_\_\_, *The Voices of Wittgenstein – The Vienna Circle*, Baker, G. (ed). London, Routledge, 2003.

WITTGENSTEIN, L. “Some Remarks on Logical Form”, *Proceedings of the Aristotelian Society*, Suppl. vol. 9, p. 162-171, 1929.

<sup>28</sup> Cf. Wittgenstein, 2001, p. 69-70 e Marion, 1998, p. 292-293.

<sup>29</sup> Wittgenstein, 2000, §§96-97.

\_\_\_\_\_. *Philosophical Remarks*, Rhees, R.(ed). Transl. by Hargreaves, R. and White, R., Chicago, The University of Chicago Press, 1975.

\_\_\_\_\_, *Wittgenstein's Nachlass - The Bergen Electronic Edition*, Clean Version © Copyright in this machine-readable text Hans Kaal and Alastair McKinnon, 1989.

\_\_\_\_\_, *Tractatus Logico-Philosophicus*, dos Santos, L.H.L (trad.). São Paulo, Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_, *Da Certeza*, Portugal, Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_, *Wittgenstein's Lectures, Cambridge 1930–1932*, from the notes of J. King and D. Lee, Oxford, Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_, *Philosophical Investigations*, Third edition, Transl. by Anscombe, G. E. M., Oxford, Blackwell Publishing, 2002.

\_\_\_\_\_, *The Big Typescript – TS 213*, Luckhardt G.G. and Maximilian A.E (ed), Transl. by Luckhardt G.G. and Maximilian, Oxford, Blackwell Publishing, 2005.